

+LIVRO DE ATAS



# infância(s) e juventude(s) na educação contemporânea



Universidade do Minho  
Instituto de Educação

UNIVERSIDADE DO MINHO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO 8-10 FEVEREIRO 2018  
III COLÓQUIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA EDUCAÇÃO

José Augusto Palhares & Almerindo Janela Afonso (Coords.)

Carlos Alberto Gomes, Daniela Silva, Fernanda Martins,  
Maria Emília Vilarinho, Natália Fernandes & Teresa Sarmento (Colabs.)

+LIVRO DE ATAS

José Augusto Palhares & Almerindo Janela Afonso (Coords.)

Carlos Alberto Gomes, Daniela Silva, Fernanda Martins,  
Maria Emília Vilarinho, Natália Fernandes & Teresa Sarmento (Colabs.)

# infância(s) e juventude(s) na educação contemporânea

Departamento de Ciências Sociais da Educação (DCSE)

Centro de Investigação em Educação (CiEd)

2022



**Design / Design** João Catalão

**Paginação / Layout** José Augusto Palhares

**Revisão Final / Final Revision** Almerindo Janela Afonso, Carlos Alberto Gomes, Daniela Silva, Fernanda Martins, José Augusto Palhares, Maria Emília Vilarinho, Natália Fernandes, Teresa Sarmento

**Apoio Técnico** Regina Alves

**Edição / Publisher** Departamento de Ciências Sociais da Educação (DCSE), Centro de Investigação em Educação (CIEd)

**Local de Edição / Editing Place** Braga

**Ano/Mês / Year/Month** fevereiro 2022

**ISBN** 978-989-8525-70-3

**DOI** <https://doi.org/10.21814/1822.76457>

As propostas de comunicação foram objeto de avaliação pelos membros da Comissão Científica. / The communication proposals were evaluated by the members of the Scientific Committee.

Os textos apresentados são da exclusiva responsabilidade dos/as respetivos/as autores/as. / The texts presented are the sole responsibility of the respective authors.



Este trabalho é financiado pelo DCSE - Departamento de Ciências Sociais da Educação. Este trabalho é financiado pelo CIEd - Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho, projetos UIDB/01661/2020 e UIDP/01661/2020, através de fundos nacionais da FCT/MCTES-PT.

This work is funded by DCSE- Department of Social Sciences of Education. This work is funded by CIEd – Research Centre on Education, Institute of Education, University of Minho, projects UIDB/01661/2020 and UIDP/01661/2020, through national funds of FCT/MCTES-PT..

## Ilusões e paradoxos da cultura meritocrática: notas reflexivas

Leonor L. Torres  
CIEd, Instituto de Educação da Universidade do Minho  
leonort@ie.uminho.pt

Embalada pelas recentes mutações operadas aos níveis macro-económico e educativo, a escola pública portuguesa tem vindo progressivamente a incorporar um ideário meritocrático focado na produção de resultados e na celebração da excelência como ritual de distinção. Embora a instituição Escola não se tenha desvinculado da sua matriz democratizadora, denota-se uma certa subordinação dos processos de escolarização às lógicas de promoção do desempenho académico. Esta comunicação visa debater criticamente os sentidos da agenda meritocrática na esfera educativa e sua relação com o mundo do trabalho, propondo uma abordagem crítica das conceções de excelência valorizadas no universo escolar e no mundo do trabalho. Do ponto de vista metodológico, recorre-se a dados de natureza quantitativa (método extensivo, focado na análise dos rituais de distinção implementados na escola pública) e qualitativa (método intensivo, baseado em quatro estudos de caso) recolhidos no âmbito de um projeto PTDC/IVC-PEC/4942/2012 - *Entre Mais e Melhor escola: a excelência académica na escola pública portuguesa*. Os resultados revelam que a excelência se tornou num importante referencial na vida das instituições contemporâneas, sendo possível sinalizar os seus efeitos nos modos de regulação da educação e do trabalho. Por outro lado, constata-se que o modelo de excelência induzido pela cultura escolar assenta em valores e disposições nem sempre conciliáveis com o modelo de excelência requerido pelas organizações de trabalho.

Palavras-chave: Excelência escolar; meritocracia; educação e trabalho

### 1. Introdução

A escola pública portuguesa tem vindo progressivamente a incorporar um ideário meritocrático focado na produção de resultados e na celebração da excelência como ritual de distinção. Embora a instituição Escola não se tenha desvinculado da sua matriz democratizadora, no plano organizacional transparece um investimento crescente nos resultados académicos, sustentado em estratégias de promoção da performatividade individual. Paralelamente, no mundo do trabalho assiste-se a um movimento inverso, permeado por discursos valorizadores de uma formação integral, com forte pendor nos conhecimentos transversais como marca distintiva dos novos perfis profissionais. Como compreender estas dinâmicas de sentido aparentemente contraditório?

Em jeito de ensaio reflexivo, este texto procura debater os sentidos da agenda meritocrática na esfera educativa e na sua relação com o mundo do trabalho<sup>1</sup>, mobilizando para o efeito um acervo de dados empíricos recolhidos no âmbito do projeto PTDC/IVC-

---

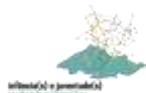
<sup>1</sup> Este texto reproduz a intervenção realizada III Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação - *Infância(s) e Juventude(s) na Sociedade e Educação Contemporâneas*, Universidade do Minho, Instituto de Educação, Braga, 8, 9 e 10 fevereiro 2018. Uma versão mais aprofundada deste tópico pode ser consultada em Torres (2019).

PEC/4942/2012 - *Entre Mais e Melhor escola: a excelência acadêmica na escola pública portuguesa*. Os resultados finais do projeto evidenciaram a centralidade da agenda da excelência na vida das instituições contemporâneas, com efeitos visíveis nos modos de regulação da educação e do trabalho. Por outro lado, vários indicadores revelam que o modelo de excelência induzido pela cultura escolar assenta em valores e disposições nem sempre conciliáveis com o modelo de excelência requerido pelas organizações de trabalho. Interessa, portanto, questionar se a expansão de uma cultura performativa baseada num único princípio de mérito, que assume configurações distintas na educação (não superior e superior) e no trabalho, pode arrastar (novos) fenómenos de desigualdade e de exclusão social.

## 2. A narrativa da excelência no ensino secundário

No âmbito do projeto de investigação acima mencionado pretendia-se captar, entre outras dimensões, o perfil dos alunos que durante o ensino secundário foram distinguidos, em cerimónia pública, com classificações iguais ou superiores a 18 valores. Os dados recolhidos no âmbito de quatro estudos de caso em escolas secundárias públicas apontam para um perfil de excelência ancorado fundamentalmente nas dimensões cognitivas evidenciadas nos elevados desempenhos dos alunos nas avaliações internas. A incorporação de uma agenda política e pedagógica de natureza performativa (com diferentes intensidades e variações nas quatro organizações estudadas) parece ter contribuído para o desenvolvimento de uma cultura de escola centrada nas dimensões instrutivas e seletivas. Por exemplo, a implementação de rituais de distinção dos melhores alunos configura um influente mecanismo de socialização para a performatividade, com efeitos empiricamente observáveis ao nível da promoção de um clima pedagógico e de uma cultura de escola focada nos resultados (cf. Torres & Quaresma, 2017; Quaresma & Torres, 2017). Sendo, na atualidade, uma prática generalizada ao universo dos estabelecimentos de ensino secundário, a instituição dos quadros de excelência e valor constitui um poderoso instrumento de gestão pedagógica e de *marketing accountability* (cf. Torres, Palhares & Afonso, 2019), que condiciona os modelos de ensino-aprendizagem, as práticas de avaliação e os hábitos de estudo.

Os resultados obtidos através de um inquérito por questionário administrado a alunos com diferentes níveis de desempenho (1022 alunos: 200 excelentes e 822 não excelentes) revelaram um ideário de excelência alicerçado em dimensões socioculturais, políticas, organizacionais e pedagógicas. Em primeiro lugar, os alunos academicamente mais bem-sucedidos (com médias internas iguais ou superiores a 18 valores) provêm de famílias bem posicionadas profissionalmente e com elevadas qualificações escolares, o que se repercute numa taxa reduzida de apoios da ação social (cf. quadro 1). Esta correlação entre o capital cultural e os resultados académicos apresenta valores ainda mais significativos quando associados ao indicador socioprofissional e escolaridade das mães, reforçando as tendências apontadas em vários estudos sobre o papel das mães no condicionamento do percurso escolar dos filhos, num contexto marcado pela progressiva “pedagogização” do quotidiano familiar (Vieira, 2011; Garcia, 2019; Lahire, 2019) e pelo desenvolvimento de novos laços de filiação (Vieira, 2015).



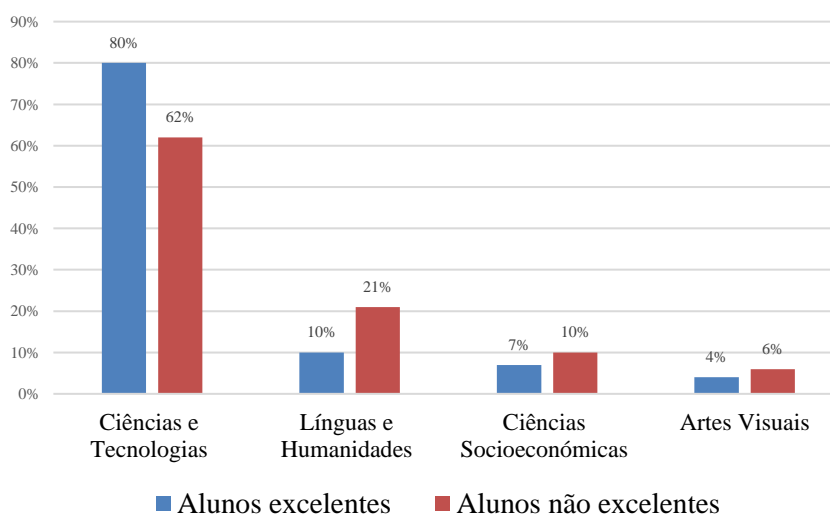
**Quadro 1. Perfil social dos alunos inquiridos (características modais)**

	Alunos excelentes	Alunos não excelentes
Género	Masculino (44%); Feminino (56%)	Masculino (42%); Feminino (58%)
Indicador socioprofissional dos pais	Profissionais técnicos e enquadramento: mãe (54%), pai (40%)	Empregados executantes: mãe (31%); Operários: pai (29%)
Escolaridade dos pais	Licenciatura: mãe (43%), pai (33%)	Ensino secundário: mãe e pai (28%)
Apoio da Ação social escolar	18%	30%

Fonte: Inquéritos por questionários administrados aos alunos excelentes e não-excelentes de quatro escolas (ano 2013/2014)

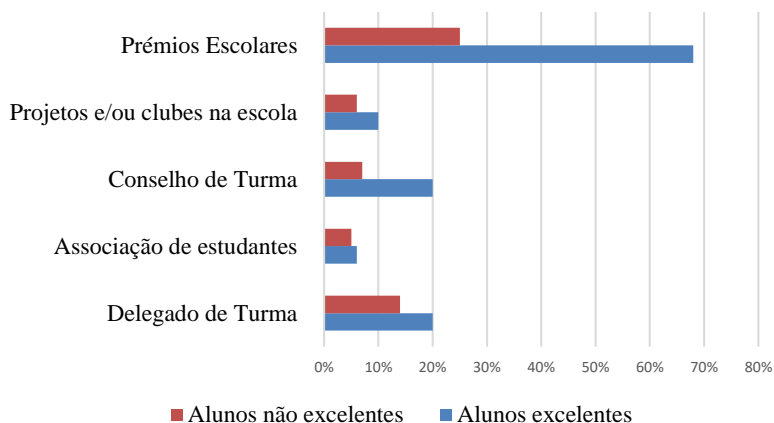
Em segundo lugar, os melhores resultados são obtidos por alunos matriculados na área de Ciências e Tecnologias (80%), com perspectivas de ingressar no ensino superior em cursos socialmente prestigiados, designadamente Medicina, Engenharia Mecânica, Economia e Direito (cf. gráfico 1). Todavia, a formação desta elite académica parece restringir-se ao espaço letivo (sala de aula), ocorrendo à margem dos demais espaços escolares de educação não formal e informal da escola: por exemplo, a integração na Associação de Estudantes e em projetos e/ou clubes é diminuta (6% e 10%, respetivamente), bem como a participação nos órgãos da escola (Conselho Geral e Conselho de Turma). De realçar que os alunos excelentes tendem a ser mais ativos como delegados de turma (o que pressupõe ter assento nos Conselhos de Turma), podendo tal facto estar associado ao seu *status* académico advindo das excelentes classificações e dos prémios escolares auferidos (68%) (cf. gráfico 2).

**Gráfico 1. Área científica dos alunos inquiridos**



Fonte: Inquéritos por questionários administrados aos alunos excelentes e não-excelentes de quatro escolas (ano 2013/2014)

**Gráfico 2. Envolvimento dos alunos na vida da escola**



Fonte: Inquéritos por questionários administrados aos alunos excelentes e não-excelentes de quatro escolas (ano 2013/2014)

Em terceiro lugar, no plano pedagógico, os elevados desempenhos aparecem fortemente associados à intensidade e método de estudo. O número de horas dedicado ao estudo – sozinhos ou acompanhados pelo professor-explicador (fora da escola) – constitui um fator diferenciador com efeitos claros na obtenção de elevadas classificações. O desenvolvimento de uma ética individual de trabalho, assente no esforço diário, na memorização e no treino intensivo de exercícios, parece caracterizar o ofício do aluno. Por outro lado, ao nível do comportamento em sala de aula, constata-se a assunção de um papel mais interventivo, participativo e competitivo, ao contrário da postura dos alunos não distinguidos, tendencialmente mais executores das tarefas propostas pelos professores (cf. quadro 2). Se, na condição de aluno, emerge um perfil performativo, cimentado em investimentos solitários e focados no estudo, na condição de estudante, ressalta um perfil alienado da participação e vivência na organização. Resta, portanto, saber qual o perfil deste estudante enquanto jovem e quais os espaços de participação fora da escola.

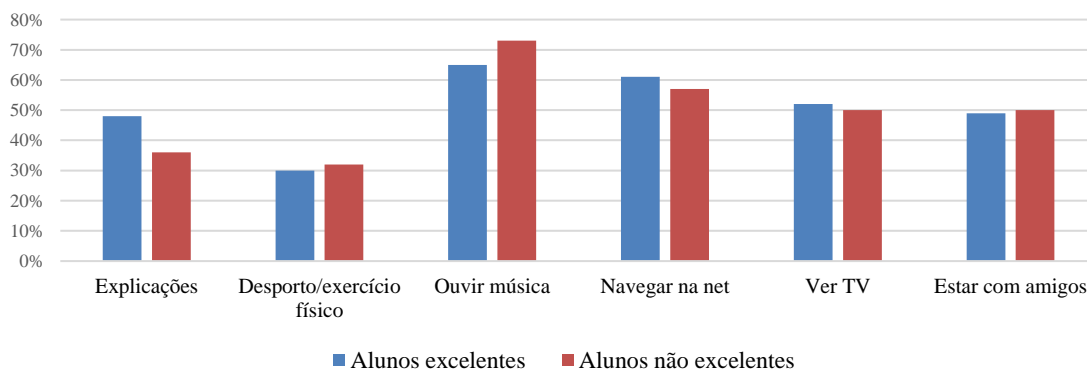
**Quadro 2 - Perfil escolar dos alunos inquiridos (características modais)**

	Alunos excelentes	Alunos não excelentes
Regularidade do estudo	Diariamente (50%) 2-3 vezes/semana (29%) Vésperas dos testes (12%)	2-3 vezes por semana (35%) Diariamente (27%) Vésperas dos testes (19%)
Tempo de estudo	5h-10h/semana (26%) 10h-15h/semana (25%) Mais 15h/semana (25%)	Até 5h/semana (44%) 5h-10h/semana (33%) 10h-15h/semana (15%)
Método de estudo	Estuda pelos manuais e esclarece as dúvidas com o professor (73%)	Estuda pelos manuais e esclarece as dúvidas com o professor (53%)
Perfil de aluno	<i>Aluno interventor</i> na sala de aula	<i>Aluno executor</i> na sala de aula

Fonte: Inquéritos por questionários administrados aos alunos excelentes e não-excelentes de quatro escolas (ano 2013/2014)

O que verdadeiramente parece unir estes estudantes é justamente a sua condição de jovem, refletida nas mesmas preferências de lazer e tempos livres e no gosto pelo desporto e exercício físico. Esta convergência de preferências, emblemática do estilo e culturas juvenil, contrasta claramente com os distintos ofícios de aluno/estudante e seus investimentos no percurso escolar. Contudo, a frequência de atividades fora da escola por parte dos alunos mais bem-sucedidos apresenta algumas especificidades que se conectam com a agenda performativa: a frequência de explicações (48%) e de escolas/institutos de línguas (20,5%) constituem atividades de reforço do programa escolar (Palhares, 2014a, 2014b, 2017); inversamente, a dedicação a atividades escutistas e religiosas parece não atrair estes alunos, comparativamente com o interesse manifestado pelos colegas com desempenhos mais baixos (cf. gráfico 3).

**Gráfico 3. Atividades extraescolares e de lazer dos alunos inquiridos**



Fonte: Inquéritos por questionários administrados aos alunos excelentes e não-excelentes de quatro escolas (ano 2013/2014)

O perfil de aluno excelente aqui retratado reforça a tendência para o *emagrecimento* do mandato da escola pública, ao evidenciar empiricamente o peso da componente instrutiva face às componentes não curriculares, sobretudo nas fileiras mais performativas. Este ideal-tipo de excelência, baseado em resultados mensuráveis e provas standardizadas, não deixa de ser duplamente paradoxal: por um lado, a sua natureza restrita e parcelar contrasta com uma escola de massas, plural e multicultural; ao contrário, estudos diversos mostram que os colégios particulares, social e culturalmente mais homogêneos, privilegiam uma conceção multidimensional de excelência, que articula as dimensões instrutivas, culturais, sociais, artísticas, morais, afetivas e relacionais (Quaresma, 2015, Lopes, 2017). Perante a diversidade, a escola pública impõe critérios de excelência unidimensionais; perante a homogeneidade, a escola privada embandeira princípios multidimensionais de sucesso. Interessa, pois, refletir sobre os efeitos que este programa de socialização institucional (Dubet, 2002) exerce no ofício dos alunos, no seu ideário de excelência e nas suas expectativas face ao futuro.

Os resultados apresentados no quadro 3 evidenciam o quanto a incorporação de uma ética de esforço, de investimento e de dedicação aos estudos se projeta nas expectativas destes jovens. Assim, num primeiro plano, estes estudantes idealizam manter os níveis de excelência no ensino superior (75%) e realizar os sonhos custe o que custar (58%), porventura relacionados com o prolongamento dos estudos para além da licenciatura (56%) e a constituição de família (50,8%). Por sua vez, enveredar por uma



carreira política e exercer uma profissão que não corresponda aos seus interesses pessoais parece afastar-se dos sonhos destes jovens. Ressalta deste imaginário idealizado a ideia de que o futuro (no ensino superior e no mundo do trabalho) depende, em grande medida, de capacidades associadas ao elevado desempenho académico, visto como o passaporte seguro para uma transição sem constrangimentos e barreiras. Porém, como se verá, também esta elite académica parece contrariar esta suposta linearidade no processo de transição académica e social, já há muito empiricamente refutada por Pais (2001). Será que percursos de distinção académica garantem o ingresso imediato nos cursos pretendidos no ensino superior? Até que ponto o ideal de excelência promovido pela cultura escolar favorece o desempenho académico no ensino superior?

**Quadro 3 - Projeto de vida pensado para o futuro (%)**  
Alunos excelentes de 4 escolas secundárias (N=200)

	Gostaria muito	Gostaria	Gostaria pouco	Não gostaria
Manter os meus níveis de excelência escolar no ensino superior	75,0	24,0	0,5	0,5
Constituir família e ter filhos	50,8	42,1	34,7	6,5
Exercer uma profissão fora de Portugal	16,6	42,2	34,7	6,5
Viver sempre neste concelho ou nas proximidades	10,6	43,2	27,1	19,1
Desenvolver uma carreira ligada à investigação científica	25,0	32,0	24,0	19,0
Enveredar por uma carreira política	6,0	13,5	18,0	62,5
Estabelecer-me por conta própria e criar a minha própria empresa	23,1	34,7	29,1	13,1
Exercer uma profissão que permita ganhar muito dinheiro, mesmo que...	2,5	13,1	48,2	36,2
Prolongar os meus estudos para além da licenciatura	56,0	36,5	6,0	1,5
Agarrar-me à primeira oportunidade de emprego, porque o MT está difícil	4,0	29,6	52,8	13,6
Viver com a minha família o mais tempo possível	6,0	32,7	41,2	20,1
Investir noutras aprendizagens para além da carreira profissional	37,5	52,5	9,5	0,5
Realizar os meus sonhos custe o que custar	58,0	34,5	6,5	1,0
Dedicar algum tempo a atividades de natureza voluntária e solidária	37,6	44,7	14,7	3,0
“Gozar” a vida nos limites	33,0	40,3	20,4	6,3

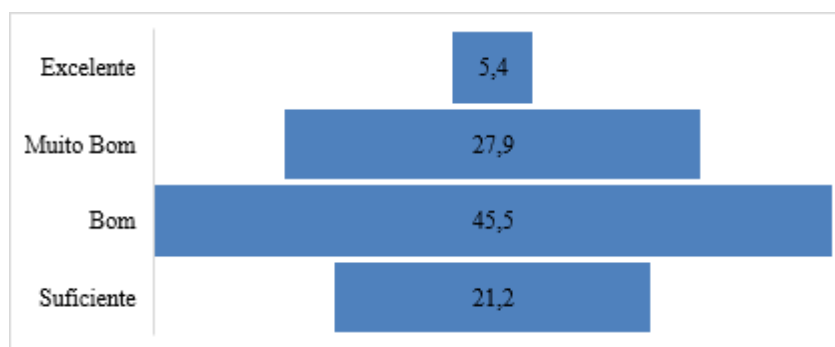
Fonte: Inquérito por questionário administrado aos alunos excelentes de quatro escolas secundárias (ano 2013/2014)

### 3. A transição para o ensino superior

As questões acima colocadas orientaram, na fase final do projeto de investigação, a realização de estudo longitudinal das trajetórias pós-secundárias dos alunos distinguidos ao longo de três anos letivos em três das escolas secundárias estudadas (n=567). O acompanhamento da transição para o ensino superior revelou que 27% destes alunos não

chegaram a ingressar no par estabelecimento/curso desejado como 1ª opção, mesmo após várias tentativas nas diversas fases do concurso nacional de acesso (Borges & Torres, 2017, 2018; Palhares, Torres & Borges, 2018). Ou seja, mesmo os melhores alunos, que foram sucessivamente distinguidos no ensino secundário, manifestaram dificuldades no acesso ao curso superior pretendido. A exemplaridade acadêmica que marcou a escolaridade secundária cedeu lugar a percursos marcados por percalços e descontinuidades na universidade. Quando questionados sobre os níveis de desempenho nos diferentes cursos que frequentam, as respostas confirmam um abaixamento significativo das performances acadêmicas (cf. gráfico 4): 46% afirma não passar do nível “Bom” e apenas 28% do nível “Muito Bom”. De realçar que a percentagem de alunos que se avaliou como “Excelente” foi significativamente baixa (5%). Se agruparmos os níveis de avaliação em duas categorias, o resultado é claramente revelador da diminuição do desempenho académico: 67% dos estudantes obteve classificações situadas entre o “suficiente” e o “Bom” e 33% entre o “Muito Bom” e “Excelente”.

**Gráfico 4. Nível de desempenho dos estudantes no ensino superior (%) (N=401)**



Fonte: Inquérito por questionário administrado aos alunos do quadro de excelência de três escolas em 2016/17.

O desenvolvimento de um protótipo de excelência parcelar e restrito às esferas cognitivas e ao mérito individual não pode ser dissociado de uma agenda política mais alargada favorável à expansão da performatividade das organizações. A pressão para a produção de resultados é intensificada por via de várias orientações e dispositivos – modelo de gestão e liderança, processos de avaliação externa e interna, generalização dos exames nacionais, disseminação das novas tecnologias, ... – com efeitos significativos ao nível das dinâmicas pedagógicas. O regresso às pedagogias reprodutoras e transmissivas e a prevalência das aprendizagens formais baseadas na memorização e replicação configuram o quadro de fundo em que o ofício do aluno se desenvolve e, através dele, sedimenta um *ethos* performativo, ou na perspetiva de Lahire, uma *disposição para agir*. A noção de disposição supõe a ideia de “recorrência, de repetição relativa, de série ou de classe de acontecimentos, de práticas...” (Lahire, 2004, p. 27), que são incorporadas pela socialização, neste caso, desenvolvida em contexto escolar, mas fortemente reforçada no contexto familiar, por via do alongamento da jornada de trabalho das crianças e jovens.

#### 4. Conceções de excelência na escola e no trabalho

A expansão da ideologia meritocrática ou, na aceção de Afonso (2013, 2017), do mandato neomeritocrático radicalizado, efetiva-se em várias frentes, moldando os

percursos escolares e as carreiras profissionais, elas próprias reguladas por instituições de trabalho igualmente focadas em orientações performativas. Ao fazer parte integrante do “*storytelling* hegemônico” (Lopes, 2017, p. 237), o conceito de excelência institui-se como referencial regulador da vida individual, coletiva e organizacional, operando frequentemente de forma silenciosa e contraditória. Porém, a narrativa da excelência tende a metamorfosear-se em função dos espaços e tempos, podendo gerar variações de sentido consoante as especificidades dos contextos. Importa, nesse caso, refletir sobre algumas questões: Até que ponto as concepções de excelência (escolar e laboral) se articulam? De que forma o modelo de socialização escolar baseado na performatividade potencia ou fomenta a excelência do desempenho profissional? Qual o ideal tipo de sujeito-trabalhador preconizado pelo universo escolar e pelo mundo do trabalho?

A vasta literatura produzida no campo da gestão de recursos humanos tem realçado as inúmeras mudanças ocorridas nas culturas de trabalho, seja ao nível dos valores e ideologias, seja no plano das práticas e competências profissionais. Num ensaio publicado em 2006, sugestivamente intitulado *A cultura do novo capitalismo*, Richard Sennett refletia sobre o ideal cultural requerido pelas instituições de trabalho da era global, sublinhando a emergência de uma nova ética de trabalho e de novas crenças no mérito e no talento. Decorrida pouco mais de uma década sobre esta (ante)visão, a análise do autor alcançou uma nova centralidade. Efetivamente, os três pilares do modelo cultural identificado – o *tempo*, o *talento* e a *renúncia* – constituem atualmente os principais desafios a enfrentar pelos trabalhadores da nova economia global. Considerando a relevância destes desafios na reconfiguração do mundo do trabalho, sinalizam-se, de forma breve, alguns tópicos a propósito das variações da narrativa da excelência, na educação e no trabalho.

Num contexto marcado pela instabilidade e fragmentação das organizações de trabalho, o primeiro desafio que se coloca aos trabalhadores relaciona-se com a dimensão *tempo*. A substituição do emprego estável e duradouro por trabalhos e ocupações precárias, incertas e instáveis (Carmo & Matias, 2019) exige capacidades de (auto)gestão do curto prazo e de improviso do curso da vida, que não se coadunam com a lógica do tempo longo da socialização escolar e com a racionalidade estratégica orientada para os resultados. O segundo desafio, o *talento*, prende-se com a capacidade potencial de aprender continuamente, enquanto uma estratégia de adaptação à mudança e à rotatividade permanente das funções. O compromisso com o trabalho, assente na ideia de perfeccionismo, rigor e domínio de uma tarefa cede lugar a “uma ideia de meritocracia que celebra mais a capacidade potencial do que os desempenhos do passado” (Sennett, 2006, p. 15). O último desafio, a *renúncia*, remete para a capacidade de desprendimento em relação ao passado e à experiência vivida, incluindo as glórias e as conquistas. Como o próprio autor sublinha, este perfil ideal requerido pelas instituições de trabalho esbarra com resistências culturais, desde logo, advindas dos trabalhadores mais antigos. Mas o que importa aqui destacar, na linha desta reflexão, é o contraste entre referenciais de excelência: de um lado, o perfil de trabalhador ideal valorizado no mundo de trabalho – “um eu orientado para o curto prazo, centrado na capacidade potencial, disposto a abandonar a experiência do passado” (Sennett, 2006, p. 15) – e, de outro lado, o perfil de excelência sedimentado nas instituições escolares – um eu orientado para o longo prazo, centrado em competências específicas e preso à experiência e saberes apreendidos.

O quadro 4 apresenta algumas dimensões associadas aos ideais de excelência referenciáveis aos dois mundos (escola e trabalho), numa tentativa de ilustrar alguns paradoxos daqui emergentes que podem estimular a reflexão. Se na escola, a estratégia adotada para garantir elevados desempenhos se centra no treino intensivo e trabalho

individualizado, com reforço de apoios externos (explicações), ao contrário, no mundo do trabalho, a estratégia prevalecente tende a incidir sobre o trabalho em equipa, habilidades de liderança e relacionamento interpessoal. A estratégia escolar amplia as competências de memorização, reprodução e replicação, consideradas fundamentais à interiorização de uma ética de trabalho assente na persistência, empenho, esforço e concentração. Por sua vez, a estratégia mobilizada em contexto de trabalho desenvolve a capacidade de adaptação a mudanças e a reatualização permanente, com vista à construção de um perfil dinâmico, criativo, flexível e empreendedor. Enquanto na escola o imaginário dos jovens se constrói a partir de atos de celebração de percursos límpidos e lineares que conferem segurança, no mundo do trabalho, o imaginário é quotidianamente ameaçado por sentimentos de incerteza, risco e ruturas sucessivas.

**Quadro 4 – Ideal de excelência na escola e no trabalho**

	<b>Excelência na Escola</b>	<b>Excelência no Trabalho</b>
<b>Foco</b>	Resultados académicos	Resultados no desempenho, produtividade
<b>Avaliação</b>	Testes e exames nacionais	Avaliação de desempenho
<b>Estratégias</b>	Treino intensivo; trabalho individualizado; explicações	Trabalho em equipa, liderança, relacionamento interpessoal, cooperação
<b>Competências</b>	Memorização, reprodução, replicação	Adaptação a mudanças, reciclagem e reatualização permanente
<b>Perfil ideal-típico</b>	Persistência, empenho, esforço, concentração	Dinâmico, empreendedor, flexível, criativo, inovador
<b>Imaginário</b>	Segurança, eleição, celebração, trajetória límpida	Incerteza, risco, polivalência, ruturas sucessivas

Este exercício comparativo não pretende veicular a ideia de ajustamento do mundo escolar às lógicas do mundo do trabalho, já amplamente discutida na literatura sociológica, mas antes aduzir um outro olhar sobre o alcance democratizador da escola no quadro mais vasto da sociedade contemporânea. Ao converter-se num referencial orientador e legitimador do sistema educativo, a narrativa da excelência, nos moldes em que está a desenvolver-se na escola pública, poderá gerar alguns equívocos e ilusões democratizadoras. A hierarquização do valor das distintas competências contribui para a sacralização de uma visão unidimensional da excelência que amplia os efeitos do veredicto escolar, seja ele o da consagração do mérito ou de condenação do fracasso escolar (cf. Collège de France / Bourdieu, 1985). Todavia, o ideal-tipo de sucesso promovido pelo sistema público de ensino parece deixar de fora outras vertentes da educação e da aprendizagem igualmente determinantes da mobilidade social, sobretudo para os alunos provenientes de estratos socioeconómicos mais desfavorecidos. Nestas circunstâncias, a elite académica construída na escola pública, mesmo que constituída por alunos oriundos de contextos mais desfavorecidos, poderá estar a amputar as possibilidades de uma democratização cultural mais ampla, fundamental ao exercício de uma cidadania plena. Por outras palavras, o processo de democratização escolar não se restringe apenas à universalização do *acesso* (ao conhecimento mais valorizado pela cultura escolar); tão-pouco se reduz à democratização do *sucesso*, sobretudo quando o epicentro das trajetórias bem-sucedidas gravita em torno dos resultados académicos. A chave determinante da democratização da educação reside no potencial transformador do sistema escolar, isto é, na sua capacidade de trabalhar e atenuar as desigualdades sociais, não somente no interior da escola, mas igualmente no processo de integração social. E a

questão que se impõe é justamente a de saber se o foco nos resultados não estará a fragilizar o processo de educação e formação dos alunos oriundos de posições sociais, culturais e económicas mais desfavorecidas que, na verdade, ficarão em desvantagem competitiva na vida social e do trabalho.

## 5. Notas finais

O ressurgimento da ideologia meritocrática associada ao culto da excelência como valor inquestionável e auto justificativo dos percursos escolares e das carreiras profissionais coloca, hoje, novos desafios ao processo de democratização do sistema público de ensino. Os resultados de pesquisa mostraram que o modelo de excelência induzido pela *cultura escolar*, ainda que diferentemente apropriado pelas escolas, assenta em valores e disposições nem sempre conciliáveis com o modelo de excelência requerido pelas organizações de trabalho. Alguns exemplos inquietantes foram sublinhados neste capítulo: na escola, a ênfase colocada no individualismo contraria a valorização da cooperação no trabalho; as metodologias reprodutoras chocam com o apelo à criatividade e à reinvenção em contextos marcados pela imprevisibilidade; o enfoque nas competências técnicas e instrumentais rompe com a atual procura de talentos e de capacidades potenciais (Sennett, 2006).

A natureza plural e democrática da escola exige o reconhecimento da pluralidade de pedagogias, de formas de sucesso e de competição, num exercício permanente de busca da justa medida e de resistência à instalação de uma cultura de excesso e de alta intensidade. Em suma, uma reinvenção de novas formas de articulação *melhor-mais escola*, ancorada numa visão democratizadora mais abrangente e transformadora, que permita o desenvolvimento simultâneo da *democratização cognitiva* (acesso ao conhecimento) e da *democratização cultural* (acesso a diversos saberes), rumo a uma efetiva *democratização do sucesso* na escola e na vida social.

## Referências bibliográficas

- Afonso, A. J. (2013). Estratégias e percursos educacionais: das explicações às novas vantagens competitivas da classe média. In J. A. Costa, A. Neto-Mendes, & A. Ventura (Orgs.). *Xplika internacional. Panorâmica sobre o mercado das explicações* (pp. 167-188). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Afonso, A. J. (2017). Neomeritocracia e novas desigualdades. In L. L. Torres, & J. A. Palhares (Orgs.). *A excelência académica na escola pública portuguesa* (pp. 253-263). Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Borges, G., & Torres, L. L. (2017). *A excelência em transição*: as dinâmicas de acesso ao ensino superior de estudantes distinguidos no ensino secundário. In G. S. Carvalho, & M. L. Dionísio (Orgs.). *II ENJIE – Encontro Nacional de Jovens Investigadores em Educação* (pp. 71-78). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança e Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho.
- Borges, G., & Torres, L. L. (2018). O acesso ao ensino superior público de estudantes distinguidos no ensino secundário: (Des)continuidades de percursos. In J. Pinhal, C. Cavaco, M. J. Cardona, F. Costa, J. Marques, & R. Faria (Orgs.). *A escola*:

- dinâmicas e atores. Atas do XXIV Colóquio da AFIRSE Portugal* (pp. 202-212). Lisboa: AFIRSE Portugal e Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Carmo, R. M., & Matias, A. R. (2019). *Retratos da precariedade. Quotidianos e aspirações dos trabalhadores jovens*. Lisboa: Edições Tinta-da-China.
- Collège de France / Bourdieu, P. (1985). *Propositions pour l'enseignement de l'avenir/ Rapport au Président de la République par le Collège de France*. Paris: Collège de France.
- Dubet, F. (2002). *Le déclin de l'institution*. Paris: Éditions du Seuil.
- Garcia, S. (2019). *Le goût de l'effort. La construction familiale des dispositions scolaires*. Paris : PUF.
- Lahire, B. (2004). *Retratos sociológicos. Disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed.
- Lahire, B. (Dir.) (2019). *Enfances de classe. De l'inégalité parmi les enfants*. Paris : Éditions du Seuil.
- Lopes, J. T. (2017). A produção da “excelência” como storytelling: O caso das escolas da burguesia portuguesa. In L. L. Torres & J. A. Palhares (Orgs.), *A excelência académica na escola pública portuguesa* (pp. 237-252). Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Âmbar.
- Palhares, J. A. (2014a). A excelência académica na escola pública. Quotidianos escolares e não escolares de jovens enquanto alunos. In L. L. Torres, & J. A. Palhares (Orgs.). *Entre mais e melhor escola em democracia. A inclusão e a excelência no sistema educativo português* (pp. 5-26). Lisboa: Mundos Sociais.
- Palhares, J. A. (2014b). Centralidades e periferias nos quotidianos escolares e não-escolares de jovens distinguidos na escola pública. *Investigar em Educação, II.<sup>a</sup> série, 1*, 71-102.
- Palhares, J. A. (2017). Os desempenhos académicos no ensino secundário: Entre o centro e a periferia, entre o formal e o informal. In L. L. Torres, & J. A. Palhares (Orgs.). *A excelência académica na escola pública portuguesa* (pp. 157-180). Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Palhares, J. A., Torres, L. L., & Borges, G. (2018). Da distinção à transição: Percursos e percalços de alunos de excelência no ensino superior. In J. Machado, & J. M. Alves (Orgs.). *Conhecimento e ação. Transformar contextos e processos educativos* (pp. 7-29). Porto: Universidade Católica do Porto.
- Quaresma, M. L. (2015). *Entre o herdado, o vivido e o projetado. Estudo de caso sobre o sucesso educativo em dois colégios privados frequentados pelas classes dominantes*. Porto: Edições Afrontamento.
- Quaresma, M. L., & Torres, L. L. (2017). Performatividade e distinções escolares: Tendências internacionais e especificidades do contexto português. *Análise Social, 224, LII (3)*, 560-582.
- Sennett, R. (2006). *A cultura do novo capitalismo*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.





- 
- Torres, L. L. (2019). A narrativa da excelência na escola e no trabalho: Ilusões e paradoxos da cultura meritocrática. In A. J. Afonso, & J. A. Palhares (Orgs.). *Entre a escola e a vida. A condição de jovem para além do ofício de aluno* (pp. 49-72). Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Torres, L. L., & Quaresma, M. L. (2017). The meritocratic ideal in education systems: The mechanisms of academic distinction in the international context. *Education as Change*, 21(1), 13-30. <https://doi.org/10.17159/1947-9417/2017/490>.
- Torres, L. L., Palhares, J. A., & Afonso, A. J. (2019). The distinction of excellent students in the Portuguese state school as a strategy of educational marketing accountability. *Educational Assessment, Evaluation and Accountability*, 31(2), 155-175. <https://doi.org/10.1007/s11092-019-09298-4>.
- Vieira, M. M. (2011). Aprendizagens, escola e a pedagogização do quotidiano. In A. N. de Almeida (Coord.), *História de vida privada em Portugal: Os nossos dias* (vol. 4). Lisboa: Círculo de Leitores / Temas e Debates.
- Vieira, M. M. (2015). Pais desorientados? A apoio à escolha vocacional dos filhos em contextos de incerteza. In M. M. Vieira (Org.). *O futuro em aberto* (pp. 155-174). Lisboa: Mundos Sociais.